

DIÁLOGOS SOBRE GÊNERO E UM PANORAMA INICIAL DO PENSAR A DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA COMO ESTRATÉGIA REFLEXIVA

Eixo Temático 09. Corpos, Gênero e Infâncias: Memórias, Lutas e Resistências na Educação Infantil

Camila de Marchi Pagnussat ¹

RESUMO

Trata-se de uma discussão sobre os resultados parciais da minha pesquisa de mestrado, em que analiso como as questões de gênero permeiam as experiências docentes, por meio da documentação pedagógica de professoras (es) de Educação Infantil de São Paulo. A estratégia metodológica foi o envio prévio de documentações pedagógicas do acervo pessoal das (os) entrevistadas (os), além de entrevistas semiestruturadas. O estudo tem como referencial teórico os Estudos de Gênero e os de Educação Infantil. Ressalto que o momento da pesquisa ainda é de coleta de dados, mas já se fez possível perceber marcadores cotidianos da instituição de Educação Infantil, que operam com e sobre as dinâmicas de gênero de adultas (os) e crianças, além de algumas estratégias que adotadas para as vivências cotidianas.

Palavras-chave: Gênero, Documentação pedagógica, Educação Infantil.

Introdução

A proposta da minha pesquisa de Mestrado surge com as inquietações sobre as questões de gênero no processo educativo das crianças pequenas, acolhendo as (os) professoras (es) dessas crianças, a partir de suas experiências docentes na temática.

Durante toda a trajetória de pesquisa que segui até o momento, iniciada desde a escolha e escrita do projeto de pesquisa que submeti à Universidade para o ingresso ao Programa de Pós-Graduação, senti a necessidade de desenhar uma metodologia que acolhesse esses

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, cm.pagnussat@unifesp.br



VIII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Seminário Internacional
Corpo, Gênero e Sexualidade

IV Luso-Brasileiro Educação
em Sexualidade, Gênero,
Saúde e Sustentabilidade

profissionais, adotando como estratégia metodológica o uso da documentação pedagógica enquanto instrumento de produção de dados, por ser uma importante ferramenta de pesquisa para construir um diálogo reflexivo e considerando o quanto as questões de gênero permeiam a Educação Infantil, permite aproximar as representações de gênero das práticas educativas com as crianças. Concretizando esse desenho metodológico, a busca deu-se para desocultar as vozes das (os) professoras (es) que atuam diretamente com as crianças pequenas, almejando conhecer os desafios do seu “fazer docente” (ANDRÉ, 2010), a partir de seus registros pedagógicos.

Pensando em centralizar um pouco o que seria o conceito de documentação pedagógica, é importante que se saiba que existe por trás dele uma concepção de infância e de criança. A documentação pedagógica "é o material que registra o que as crianças estão dizendo e fazendo, é o trabalho das crianças e a maneira com que o pedagogo se relaciona com elas e com o seu trabalho." (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003, p. 194).

Dado o momento sócio-histórico que vivenciamos, com as cruzadas antigênero e iniciativas como o programa Escola sem Partido, pautar gênero já é um desafio, associando-se a dinâmica cotidiana da Educação Infantil, isso se intensifica, mas quando almejei utilizar a documentação pedagógica na metodologia, potencializei o desafio analítico da pesquisa, escolha que foi motivada por ser a possibilidade que se aventou para que eu pudesse estar mais próxima da escola durante a minha pesquisa, já que a coleta dos dados ocorreu durante a pandemia de Covid-19.

A referência da Educação Infantil como espaço de todo o pensar que foi desenvolvido na pesquisa, surge da compreensão do potencial emancipador que essa etapa da educação possui, por ser o momento de criações, reconhecimentos, descobertas, formações e estruturações de conhecimentos e experiências de mundo. Em outras palavras, a Educação Infantil é o momento da vida de uma criança para que o acesso a práticas pedagógicas descolonizadoras, feministas, antirracistas e de promoção do respeito à diversidade e às pluralidades seja estimulado e amplamente disseminado.

Podemos assim, recorrer a Manuel Castells (2002) para problematizar o quanto as estruturas sociais que decorrem do patriarcado estrutural, determinam os lugares sociais que as pessoas podem ocupar, a partir do sexo biológico, dando o tom que se espera que seja reproduzido, da própria estrutura patriarcal, para fundamentar o quanto o encontro com práticas que pautam o combate e a desconstrução de quaisquer movimentos opressores são necessárias para a educação de crianças pequenas.

O público de professores (as) escolhido para ser a fonte dos (as) entrevistados (as) foi o Fórum Paulista de Educação Infantil – FPEI, que é um reconhecido movimento social paulista

que preza pela garantia dos direitos das crianças e pela qualidade da Educação Infantil. Essas (es) entrevistadas (os) responderam uma entrevista semiestruturada, que teve como elemento disparador as documentações disponibilizadas por essas (es) profissionais.

O objetivo geral se constitui em conhecer como o gênero permeia as experiências docentes e as experiências de construção das identidades das crianças, através dos registros da documentação pedagógica de suas (eus) professoras (es) de Educação Infantil

E os objetivos específicos se desenham a partir da junção de pressupostos e operadores do cotidiano da instituição de Educação Infantil e são eles: compreender as experiências docentes voltadas para dimensão lúdica, identificando como influenciam as relações de gênero das crianças nos momentos de brincadeiras, com as escolhas e o uso dos brinquedos; conhecer as experiências docentes relacionadas à questão da organização dos espaços físicos, como favorecem as interações e influenciam nas relações de gênero entre as crianças; ter acesso ao como gênero permeia as experiências docentes de cuidado com o corpo, buscando analisar a presença de determinismos biológicos nas relações; ouvir como gênero permeia a linguagem nas experiências docentes, analisando a presença de estereótipos de gênero nas relações com e das crianças.

O primeiro fato interessante da pesquisa foi o quanto a apresentação da documentação pedagógica selecionada pelas (os) docentes apresenta meninos em episódios alocados como transgressores, por adentrarem no espaço das feminilidades e funções sociais compreendidas femininas.

Outra parte significativa das reflexões advindas dos resultados da pesquisa, foram os binarismos enquanto fatores explicitados em muitas colocações das (os) entrevistadas (os) e eles vão desde o mais em voga nos Estudos de Gênero – masculino e feminino -, quanto os que permeiam as lógicas de poder – certo e errado, sagrado e profano.

As documentações pedagógicas escolhidas mostram o compromisso dessas (es) docentes com as crianças e o quanto um olhar atento e disposto dentro da escola, possibilita a transferência de sentimentos, intentos e experiências, entre as crianças e as (os) professoras (es). Por isso, essa estratégia de pesquisa tem ancorado um sonho pelo diálogo fluido e comprometido com o espaço de expressões corporais, identitárias, orientativas e sexuais.

Sobretudo o que salta aos olhos em todas as trocas que pude vivenciar durante esse um ano e meio de pesquisa, foi o quanto as crianças possuem suas estratégias de vivenciar e driblar as imposições sistêmicas reproduzidas na instituição de Educação Infantil. Segundo Daniela Finco (2010, p. 125), “ao contrariarem as expectativas dos adultos, meninas e meninos problematizam suas vidas, criam novas formas de relações, transgridem.”. Nesse mesmo texto

de Finco (2010), levantei a contribuição reflexiva de que as crianças que transgridem, extravasam as fronteiras de gênero para além das expectativas sociais, e desse modo, demandam pensar nas relações no contexto da educação da pequena infância, a partir dos saberes e experiências docentes.

Metodologia

A documentação pedagógica nesta pesquisa, tem o papel de elemento intercessor na coleta de dados, sendo também impulsionadora para os demais achados das experiências docentes com gênero. Uma estratégia metodológica que permite traçar um olhar dinâmico entre quem escreve e quem é descrito, favorecendo um processo analítico, das funções docentes e do processo de socialização de gênero das crianças.

Partindo do estabelecimento desta metodologia, as (os) professoras (es) participantes da pesquisa, foram instigadas a construir um diálogo reflexivo sobre o problema de pesquisa, a partir de suas documentações pedagógicas. Destarte, podemos perceber o quanto esse procedimento metodológico é desafiador e envolvente, pois busca aproximar a pesquisa científica da comunidade que a recebe, podendo ser descrita também como uma reflexão conjunta com os (as) professores (as) envolvidos (as) na pesquisa. Destaca-se aqui o caráter democrático da documentação pedagógica, que abrange a comunicação e a socialização das ideias pedagógicas para a comunidade. “Construir experiências positivas com as crianças, sustentar seu próprio crescimento profissional e, portanto, melhorar a própria capacidade de comunicação com os meninos e as meninas, com os colegas, com os pais e os outros adultos.” (GALARDINI; IOZZELLI, 2017, p. 87).

As documentações pedagógicas foram os elementos disparadores de entrevistas semiestruturadas realizadas com os (as) respectivos (as) professores (as) que as disponibilizaram, interseccionando perguntas que discorressem, de acordo com a pertinência dos territórios e das realidades, sobre os eixos dos objetivos específicos.

Faz-se pertinente destacar que a documentação pedagógica merece esse destaque considerando que ela permite trocas compartilhadas e reflexivas sobre as experiências docentes, trazendo o olhar de professores (as) sobre suas práticas educativas com as crianças, e no caso específico, buscando o foco intencional nas questões de gênero.

Todas (os) as (os) participantes deram anuência para a participação na pesquisa e assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, que também foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade.

Resultados e discussão

O uso das fantasias e roupas de tamanhos maiores que o convencional para as crianças, se apresentou como um elemento ímpar para as vivências com gênero na Educação Infantil. A partir desses usos, as crianças não só materializam e expandem a dimensão do faz-de-conta, como têm a oportunidade de performar realidades e experimentar novas versões de si, que contribuem para a suas construções sociais e identitárias.

Uma das reflexões que estão mais estruturadas sobre essa questão do uso das fantasias e que é pertinente para os debates atuais de gênero é o quanto que o uso de capas, que demonstram qualidades como força e poderes, são atribuídas aos homens, esses que têm o árbitro de poderem ocupar o lugar de heróis e na dimensão do imaginário, super-heróis, que possuem maior espaços nas histórias infantis, como figuras masculinas. No universo dos super-heróis de desenhos animados e histórias em quadrinhos, já existe um movimento para o advento de super-heroínas, mas sem tão grande expressão já consolidada no imaginário popular.

Características que são atribuídas a homens tendem a ser inclinadas para a conquistas, sucesso, resolução de problemas, vitórias, força física, segurança, dominação, controle, acesso a mais lugares, providência entre outras características nessa linha, em detrimento àquelas que são atribuídas as mulheres, basicamente, antagônicas, que dispõe sobre criação de problemas, fragilidade física e emocional, necessidade de cuidados, proteção e tutela, restrição ao universo doméstico/familiar etc.

Seguindo a prevalência de meninos nas fotos compartilhadas como documentação pedagógica, foi importante incorporar na pesquisa a ideia e o diálogo com as masculinidades, porque o lugar da menina e o lugar do menino, vinculados diretamente com as noções de função social em uma sociedade cis heteronormativa, se evidenciaram muito.

E, com o amparo da documentação pedagógica dessas (es) profissionais, pudemos adentrar, mesmo que de maneira limitada por conta da pandemia, no universo escolar dessas crianças e dessas (es) adultas (os) e comungar os desejos de expressar uma educação mais plural, que acolha e não segregue por nenhuma faceta de opressão.

Considerações finais

Continuar as reflexões de gênero por meio de um olhar para a documentação pedagógica de professoras (es) e instituições de Educação Infantil é muito salutar para o olhar cotidiano dessas instituições e dessas experiências docentes, uma vez que a reflexão sobre aquilo que é documentado favorece a tecitura de uma rede de fortalecimento e aperfeiçoamento das práticas pedagógicas na Educação Infantil, fortalecendo as práticas de estruturar novas dinâmicas de se

viver e experienciar o cotidiano das crianças, não normatizando, enquadrando e oprimindo as formas de ser e estar no mundo dessas crianças.

Referências

ANDRÉ, Marli. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. *Educação*, Porto Alegre, v. 33, n. 3, 2010.

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. In: *O Poder da Identidade: a Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura*, v.2, São Paulo: Paz e Terra, p. 169-285, 2002.

DAHLBERG, Gunilla, MOSS, Peter, PENCE, Alan. Documentação pedagógica: uma Prática para a Reflexão e para a Democracia. In: *Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

FINCO, Daniela. *Educação Infantil, espaço de confrontos e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero*. Tese (Doutorado), Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2010.

GALARDINI, Anna Lia; IOZZELLI, Sonia. Dar visibilidade aos acontecimentos e aos itinerários de experiência das crianças nas instituições para a pequena infância. In: MELLO, Suely Amaral; BARBOSA, Maria Carmen e FARIA, Ana Lúcia G. de. *Documentação Pedagógica: teoria e prática*. Pedro & João Editores, 2017, p. 85-131.